



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

**CAMPUS I**

**FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES – FALTA**

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS**

**HELLOYSE CAVALCANTI SILVA**

**O USO DE ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO COMO ALTERNATIVA PARA OS  
DESAFIOS TRAZIDOS POR *PHRASAL VERBS***

**CAMPINA GRANDE  
2018**

**HELLOYSE CAVALCANTI SILVA**

**O USO DE ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO COMO ALTERNATIVA PARA OS  
DESAFIOS TRAZIDOS POR *PHRASAL VERBS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba como pré-requisito para a conclusão do curso de licenciatura em letras habilitação em língua inglesa.

**Área de concentração:** Educação

**Orientadora:** Profa. Ma. Nathalia Leite de Queiroz Sátiro.

**CAMPINA GRANDE  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586u Silva, Hellyoyse Cavalcanti.

O uso de estratégias de tradução como alternativa para os desafios trazidos por phrasal verbs [manuscrito] / Hellyoyse Cavalcanti Silva. - 2018.

50 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2025. "Orientação : Profa. Ma. Nathalia Leite de Queiroz Sátiro., Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC. "

1. Tradução. 2. Estratégia de tradução. 3. Linguística. I.  
Título

21. ed. CDD 418.02

HELLOYSE CAVALCANTI SILVA

**O USO DE ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO COMO ALTERNATIVA PARA OS  
DESAFIOS TRAZIDOS POR *PHRASAL VERBS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de letras e artes da universidade estadual da paraíba como pré-requisito para a conclusão do curso de licenciatura em letras-habilitação em língua inglesa.

Aprovada em: 06/06/2018

BANCA EXAMINADORA

Nathalia Leite de Queiroz Sátiro Nota: 10,0  
Profª Mª Nathalia Leite de Queiroz Sátiro (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marília Bezerra Cacho Brito Nota: 10,0  
Profª Mª Marília Bezerra Cacho Brito  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Catarina de Senna de A. Borba Nota: 10,0  
Profª Mª Catarina de Senna de Almeida Borba Eloy Dantas  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Média: 10,0

Aos meus pais e esposo por serem o meu alicerce e maiores incentivadores. Tenho tudo que preciso com vocês ao meu lado!

*“No, I won't be afraid... no, I won't be afraid...  
Just as long as you [guys] stand, stand by me”*

**Ben E. King**

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho leva meu nome estampado bem na capa, mas é só uma maneira de representar todos os que tornaram possível não só esta pesquisa, mas toda a minha trajetória acadêmica e pessoal.

A minha maior porção de gratidão pertence ao meu Pai Celestial que guiou os meus passos e tem me abençoado durante toda minha vida. Ele quem tocou meu coração e me mostrou que eu precisava ser uma professora. Ele quem me susteve durante toda a graduação e trouxe anjos para que eu pudesse reconhecer seu amor através deles, que tanto me ajudaram. Foi através da fé Nele e no Salvador Jesus Cristo que eu consegui concluir este trabalho e assim selar esta fase de minha vida. A escolha do gênero textual analisado neste trabalho não foi à toa. Sei que o que sou hoje é devido a graça de Cristo que é real e suficiente para compensar minhas fraquezas e limitações.

Se hoje valorizo e busco conhecimento é porque há muitos anos alguém teve infinita paciência ao me ensinar as coisas mais básicas. Lembro muitos episódios em que brincar, assistir ou dormir parecia muito mais interessante, mas mãos firmes e sábias me mostraram que aquele não era o melhor caminho. Essas mãos muitas vezes precisaram ser firmes e me repreender, mas como sou grata por ter aprendido pelo amor, e as vezes até mesmo pela dor que estudar é importante. Obrigada, mãe por ter me mostrado o melhor caminho! Tudo o que sou, boa parte do que sei e a minha força para crescer vem do ser mais dedicado e amoroso que conheço. A senhora tem o poder de despertar o melhor que há em mim e sempre me motiva a conquistar coisas grandiosas. Por isso este trabalho e o melhor que alcançar em minha vida sempre lhe serão dedicados. Eu a amo infinitamente!

Meu esposo foi a pessoa que mais se sacrificou para que este momento se tornasse possível. Ele foi incansável ao me ajudar com tudo e qualquer coisa que fosse necessário. Ele melhor do que ninguém sabe exatamente as dificuldades que tive, as noites mal dormidas, a ansiedade, as frustrações, o cansaço, a insegurança e a descrença. Ele foi o meu porto seguro e o meu amparo. Foi ele quem me ajudou a manter a calma e seguir em frente. Por toda a paciência, amor e apoio eu serei eternamente grata, David. Não sou capaz de expressar a profundidade do meu amor e gratidão. Você é incrível.

Não posso deixar de agradecer a amiga que virou uma irmã e que viveu cada momento desses quatro anos comigo. Júlia foi minha motorista, psicóloga, confidente, parceira de trabalhos e um dos maiores anjos que poderia ter recebido. Muitas vezes quis jogar tudo para o alto e ela me lembrou que é preciso seguir em frente. A melhor parte da graduação sem sombra

de dúvidas foi tê-la recebido como presente para levar para a vida inteira. *You've got a friend in me, Greg!*

Toda a ideia de fazer o TCC voltado para a área de tradução começou a ganhar forma durante a disciplina de Tradução II que foi ministrada pela professora Nathalia. Não poderia ter escolhido outra orientadora. Cada feedback recebido por ela era exatamente o que faltava para completar cada parte da pesquisa. Sua paciência e esforços foram cruciais para este resultado. Obrigada por aulas tão ricas e por ser uma profissional tão dedicada, Nathalia.

Outros professores deixaram marcas profundas e influenciaram o tipo de professora que decidi me tornar. Não posso deixar de citar Felipe Reis, Marília Cacho, que também trouxe tanto para que o encanto com a tradução se tornasse real, e Karyne Soares que conquistou um profundo respeito e admiração de minha parte não só pela professora, mas pelo ser humano que é. A todos os mestres que compartilharam um pouco de si, bem como os colegas que dividiram toda a caminhada, meu muito obrigada.

Ao meu pai, irmãos e sogros pelo amor, carinho e companheirismo de sempre. Sou extremamente sortuda por ter cada um de vocês em minha vida. Os dias seriam mais sem graça se eu não tivesse vocês. Obrigada por todos esses anos ao meu lado!

## RESUMO

Ao longo dos anos as teorias relacionadas à tradução começaram a defender uma visão menos voltado ao apego ao texto fonte e a preocupação em proporcionar um texto de chegada o mais próximo possível do seu texto de partida é reconhecer mais e mais a importância de levar em consideração o contexto sociocultural e os receptores daquela tradução. Esta preocupação trouxe discussões e teorias sobre estratégias de tradução que seriam alternativas para inúmeros desafios encontrados neste processo, visto que envolve dois idiomas com suas respectivas cargas linguísticas, sociais e culturais. Um desses desafios apresentados são os *phrasal verbs*, que, de acordo com Gregorim e Nash (2010), são estruturas características da língua inglesa e que geralmente são de difícil tradução, por muitas vezes não possuírem equivalentes exatos na língua portuguesa. Este trabalho discorre acerca de teorias como as estratégias de tradução de Chesterman (1997) e o objetivo deste é analisar como foram traduzidos os *phrasal verbs* do devocional de cunho religioso *His grace is sufficient* de Brad Wilcox (2011), mostrando a relevância do conhecimento destas técnicas para uma tradução de maior qualidade. Todos os *phrasal verbs* contidos neste devocional foram inseridos em um quadro, juntamente com a tradução proposta pelo tradutor e as estratégias aplicadas àquela estrutura. Esta pesquisa se caracteriza como descritiva e conceitual qualitativa pois descreve a análise deste devocional e seus *phrasal verbs*, bem como conceitos de estratégia de tradução e sua aplicabilidade. A fim de alcançar os objetivos estabelecidos nesta pesquisa, todos os dados coletados e expostos em quadro foram analisados para se identificar padrões e entender melhor como o conhecimento das estratégias de tradução podem apresentar soluções efetivas para a tradução de *phrasal verbs*.

**Palavras-chave:** tradução; *phrasal verb*; estratégias de tradução.

## ABSTRACT

Over the years, translation-related theories have begun to advocate a view less turned to the attachment with the source text and a concern to provide an arrival text as close as possible to its source and to recognize more and more the importance of taking into account the sociocultural context and the recipients of that translation. This concern has brought discussions and theories about translation strategies that would be alternatives to the numerous challenges encountered in this process, since it involves two languages with their respective linguistic, social and cultural loads. One of these challenges are phrasal verbs, which, according to Gregorim and Nash (2010), are structures characteristic of the English language and are generally difficult to translate because they often do not have exact equivalents in the Portuguese language. This paper discusses theories such as Chesterman's translation strategies (1997) and the purpose of this research is to analyze how the phrasal verbs of the Brad Wilcox's religious devotional *His grace is sufficient* (2011) were translated, showing the relevance of the knowledge of these techniques for a greater quality translation. All the phrasal verbs contained in this devotional were inserted into a table along with the translation proposed by the translator and the strategies applied to that structure. This research is characterized as descriptive and qualitative as it describes the analysis of this devotional and its phrasal verbs, as well as concepts of translation strategy and its applicability. In order to achieve the objectives established in this research, all the data collected and exposed in tables were analyzed to identify patterns and to better understand how the knowledge of the translation strategies can present effective solutions for the translation of phrasal verbs.

**Keywords:** translation; phrasal verbs; translation strategies.

## LISTA DE ABREVIATURAS

|     |                                |
|-----|--------------------------------|
| PV  | <i>Phrasal Verb</i>            |
| PVs | <i>Phrasal Verbs</i>           |
| G   | Sintáticas                     |
| G1  | Tradução literal               |
| G2  | Empréstimo                     |
| G3  | Transposição                   |
| G4  | Troca de unidade               |
| G5  | Mudança estrutural na frase    |
| G6  | Mudança estrutural na oração   |
| G7  | Mudança estrutural na sentença |
| G8  | Mudança coesiva                |
| G9  | Troca de nível                 |
| G10 | Mudança no esquema             |
| S   | Semânticas                     |
| S1  | Sinonímia                      |
| S2  | Antonímia                      |
| S3  | Hiponímia                      |
| S4  | Conversões                     |
| S5  | Mudança de abstração           |
| S6  | Mudança de distribuição        |
| S7  | Mudança na ênfase              |
| S8  | Paráfrase                      |
| S9  | Mudança de tropo               |
| S10 | Outras mudanças semânticas     |
| Pr  | Pragmáticas                    |
| Pr1 | Filtro cultural                |
| Pr2 | Mudança de explicitação        |
| Pr3 | Mudança de informação          |
| Pr4 | Mudança interpessoal           |
| Pr5 | Mudança elocução               |
| Pr6 | Mudança de coerência           |

- Pr7 Tradução parcial
- Pr8 Mudança de visibilidade
- Pr9 Reedição
- Pr10 Outras mudanças pragmáticas

## SUMÁRIO

|     |   |    |
|-----|---|----|
| 1   | INTRODUÇÃO.....                                     | 11 |
| 2   | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....                          | 14 |
| 2.1 | Visão histórica da tradução e suas implicações..... | 14 |
| 2.2 | Phrasal verbs.....                                  | 15 |
| 2.3 | Técnicas de tradução.....                           | 16 |
| 3   | METODOLOGIA.....                                    | 20 |
| 4   | ANÁLISE DE DADOS.....                               | 22 |
| 4.1 | Estratégias sintáticas.....                         | 24 |
| 4.2 | Estratégias semântica.....                          | 25 |
| 4.3 | Estratégias pragmática.....                         | 27 |
| 5   | CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                           | 28 |
|     | REFERÊNCIAS .....                                   | 30 |
|     | APÊNDICE.....                                       | 31 |
|     | ANEXO.....  | 39 |

## 1 INTRODUÇÃO

Muitos tradutores, como mostrado por Coracini (2005), explicam o trabalho que é feito por eles como sendo o ato de construir uma ponte entre uma língua estrangeira e a sua língua materna. Outros teóricos, no entanto, creem na tradução como sendo a habilidade de compreender a mensagem escrita originalmente pelo autor e ter a capacidade de ser fiel ao transmitir esta mensagem, mesmo que sendo em um idioma diferente daquele que foi usado pelo escritor.

Gorovitz (2006, p.53) traz com muita clareza uma explicação acerca do que é o ato de traduzir. Ela explica que há uma espécie de coautoria visto que, nesta transição de línguas, precisa haver espaço para um universo vasto de cultura, tradições e costumes inerentes a cada língua e ainda explica que o mal-entendido é “(...) parte integrante da tradução, assim como é inerente a todo ato de comunicação pela linguagem.”

Há algumas estruturas específicas da língua inglesa que possuem uma carga elevada de complexidade não só por enfatizarem a cultura, as tradições e os costumes de um povo, como explicado por Gorovitz (2006), mas também pela carga de significado tão peculiar e relacionado a aspectos que não encontram equivalência quando traduzidos para uma língua de chegada. Muitas vezes elas se utilizam de aspectos extremamente concretos para comunicar ideias que na verdade são abstratas, por exemplo. Essas estruturas são desafios linguísticos que demandam conhecimento de técnicas específicas para serem traduzidos de forma a atender as especificidades de cada trabalho satisfatoriamente. Os *phrasal verbs* (doravante PVs) podem ser classificados como sendo um dos maiores desafios linguísticos enfrentados por tradutores.

Um *phrasal verb* (doravante PV), de acordo com a definição de Gregorim e Nash (2010), é uma estrutura linguística complexa formada por dois ou mais elementos, que podem ser um verbo e uma preposição ou um advérbio. Se analisarmos os elementos que compõem um PV veremos que, na maioria das vezes, eles possuem sentidos isolados, no entanto o conjunto destes elementos traz um novo significado, geralmente não relacionado ao das partes que o formam. Assim, pode-se ver que a compreensão de um PV frequentemente não é um processo intuitivo, pois os elementos que o compõem podem não oferecer pistas sobre o seu significado. Pode-se ainda destacar que muitos PV não possuem um equivalente direto em língua portuguesa, o que torna o processo de tradução ainda mais desafiador.

Para traduzir estruturas complexas como expressões idiomáticas, gírias e PVs, que são o objeto de estudo deste trabalho, os tradutores fazem uso de certas técnicas de tradução que oferecem diversas opções para tais casos. Algumas delas são, por exemplo, a omissão, a

tradução literal ou até mesmo a substituição de determinada sentença por uma que possua sentido equivalente, mesmo que a estrutura seja diferente.

Para explicar acerca das técnicas de tradução, Chesterman (1997) será amplamente citado neste trabalho. Muitas das contribuições trazidas por ele em seu livro “*Memes of translation: The spread of ideas in translation theory*” são peças chave para as análises, bem como Branco (2009) que apresenta um quadro com o resumo de todas as estratégias de tradução.

Uma das principais motivações para a escolha deste tema de pesquisa é trazer soluções para o processo tradutório e permitir que o sujeito tradutor se torne cada vez mais consciente das possibilidades que estão ao seu dispor para sanar questões trazidas por estruturas como os PVs. Lörcher (1991) expressa de forma clara e breve como as estratégias de tradução são ligadas a motivação para esta pesquisa:

Uma estratégia de tradução é um procedimento potencialmente consciente para a solução de um problema que um indivíduo enfrenta quando traduz um segmento de texto de uma língua para outra.<sup>1</sup> (LÖRSCHER, 1991, p.76, tradução nossa).

O objetivo principal deste trabalho é analisar como foram traduzidos os PVs de um devocional intitulado *His grace is sufficient*, além de observar as estratégias de tradução de Chesterman (1997) utilizadas na tradução dos PVs, mostrando a relevância do conhecimento destas técnicas para uma maior qualidade na tradução e analisando quais estratégias melhor se aplicam a cada PV, levando em consideração desafios linguísticos trazidos por tais estruturas. O seu objetivo específico é investigar se a mensagem trazida, mais precisamente pelos PVs no texto fonte, foi efetivamente transmitida, levando em consideração, não somente a tradução de cada estrutura, mas o contexto em que a mesma está inserida e o tipo de gênero textual.

A fim de alcançar os objetivos acima citados, foi feita uma análise da tradução de PVs em um devocional de cunho religioso chamado “*His grace is sufficient*”, de Brad Wilcox (2011). Este devocional foi proferido no campus da Brigham Young University na cidade de Provo – Idaho, nos Estados Unidos, no dia 12 de julho do referido ano e o público alvo deste devocional foram os estudantes e o corpo docente da instituição. O referido devocional é composto por sete páginas e há quarenta e três ocorrências de PVs, alguns deles sendo repetidos ao longo do texto e devido a estas repetições, trinta e três PVs distintos são analisados neste trabalho.

---

<sup>1</sup> “A translation strategy is a potentially conscious procedure for the solution of a problem which an individual is faced with when translating a text segment from one language into another.” (LÖRSCHER, 1991, p.76)

Esta pesquisa se classifica como aplicada no tocante a sua natureza e descritiva quanto ao seu objetivo. Do ponto de vista dos procedimentos, ela possui características bibliográficas e predominantemente qualitativa quanto à forma de abordagem, embora possua marcas também da pesquisa quantitativa.

Este trabalho está dividido em três sessões. A fundamentação teórica, que é a primeira delas, delimita o arcabouço teórico que embasou todo o estudo feito e explica como cada teoria é usada para chegar aos objetivos do trabalho. A metodologia, sendo a segunda das sessões, explica como a pesquisa é classificada quanto aos seus objetivos, natureza, abordagem e métodos, e também oferece mais detalhes sobre o gênero textual analisado e o contexto em que este se dá. A análise de dados é a terceira e última sessão, em que todos os PVs são listados em um quadro, juntamente com cada estratégia utilizada para classificação deles e posterior ao quadro, é feito um detalhamento dos padrões e ocorrências encontrados. Posterior a estas três sessões estão as considerações finais que fazem uma retomada dos objetivos desta pesquisa e discorrem acerca dos resultados obtidos nas análises.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As partes seguintes são dedicadas à explanação das teorias e pesquisas relacionadas aos tópicos abordados neste trabalho. Todos os detalhes sobre os conceitos chave desta pesquisa são explicados nesta seção.

### 2.1 Visão histórica da tradução e suas implicações

Há séculos os primeiros estudos relacionados à tradução tiveram início devido à necessidade de tornar a bíblia acessível a muitos povos e as escolhas referentes à forma como esta tradução seria feita foram regidas pelo contexto e interesses religiosos. Visto que a bíblia é considerada um livro sagrado, os líderes religiosos da época possuíam grande preocupação com o produto da tradução, pois qualquer um que modificasse os ensinamentos deste livro era considerado herege e por isso eles motivaram o que hoje é conhecido por tradução literal. Segundo Souza (1998) a “tradução literal está associada à ideia de tradução fiel, neutra, objetiva, e ao de tradução livre, a ideia de tradução infiel, parcial, subjetiva” (SOUZA, 1998, p.52).

Tendo como base a tradução feita da bíblia, Cícero e Horácio (séc. I a. C.) e S. Jerônimo (séc. IV d. C.) deram início ao que viria a ser uma revolução na forma de pensar o processo tradutório. Pinho (2005) afirma que “no caso de S. Jerónimo, a sua abordagem à tradução da Bíblia, do Grego para o Latim, viria a afetar profundamente traduções posteriores das Escrituras. Na verdade, a tradução do texto bíblico viria a ser – durante mais de mil anos, e especialmente durante a época da Reforma, no século XVI – um espaço privilegiado do conflito de ideologias na Europa Ocidental” (PINHO, 2005, p. 210).

Eles perceberam que muitas vezes a tradução literal não se adequava à mensagem passada no texto fonte e isso resultava em mal-entendidos linguísticos que criavam barreiras para a compreensão. Esse foi o pontapé inicial para estudos relacionados a novas possibilidades de tradução, o que resultou em teorias como a de Jakobson (1959) e Chesterman (1997) que são explanadas nos parágrafos seguintes.

Existem diferentes tipos de tradução e para entender melhor esta diversidade, usaremos o conceito de Jakobson (1959) que divide este campo em três: a tradução interlingual, a intralingual e a intersemiótica. A tradução intralingual é a que faz uso da mesma língua ou forma de comunicação para explicar determinado signo, uma reformulação. A interlingual é uma interpretação de signos verbais através de outra língua e é a mais conhecida delas. É a

tradução Intersemiótica que é uma interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

Neste trabalho mantivemos o foco, segundo a classificação de Jakobson (1959), na tradução interlingual, mais precisamente da língua inglesa para a língua portuguesa do Brasil. Toda forma de tradução traz consigo desafios para o tradutor, pois esta não é uma ciência exata e que sempre goza do privilégio da equivalência. O tradutor tem a missão de levar em consideração vários fatores, tais como público alvo e sua faixa etária, conhecimento prévio, cultura e normas de tradução que lhes são passadas pela empresa que contrata seus serviços. Ele precisa decidir se empregará seus esforços tentando manter o texto que produz o mais próximo do texto fonte possível, ou se irá absorver a mensagem passada pelo autor e reproduzi-la de maneira preocupada com o público-alvo, o receptor, do material que ele está criando.

## 2.2 Phrasal verbs

Outra dificuldade enfrentada pelo tradutor é a diferença estrutural entre as línguas com que trabalha. A língua inglesa, por exemplo tem estruturas pequenas que comunicam ideias muito complexas que, se comparadas a outras línguas, não são expressas em signos específicos, mas através da tradução intralingual.

Para ilustrar este caso, vejamos a estrutura “*creep up on*”, que significa aproximar-se de alguém lenta e discretamente, na maioria das vezes com o intuito de assustar essa pessoa. Uma pequena estrutura composta por três elementos precisa de mais do que o dobro de signos para ser explicada na língua portuguesa. Considerando que a tradução traz consigo normas que precisam ser seguidas, a diferença entre a estrutura em inglês e português pode trazer um grande impacto para o produto final. Segundo Gorovitz (2006) a legendagem tem um limite de caracteres por linha, a interpretação simultânea precisa ser ágil para acompanhar a fala do locutor e as traduções escritas muitas vezes precisam respeitar um número específico de páginas determinado pelo cliente. A estrutura que foi usada no exemplo faz parte de uma classe de palavras chamada *Phrasal verbs*. Essas estruturas são difíceis de serem traduzidas por muitas vezes expressarem ideias complexas com apenas poucos signos (GOROVITZ, 2006, pp. 65-66).

Gregorim e Nash (2010) definiram um PV da seguinte maneira:

O phrasal verb é composto de um verbo + uma preposição ou, em alguns casos, de um verbo + duas preposições. (...) O verbo juntamente com a preposição forma uma nova unidade linguística que apresenta um significado

geralmente bastante diferente daquele do verbo original, destituído de preposição.” (GREGORIM; NASH, 2010, p.7).

Os PVs podem ser divididos em transitivos, intransitivos e ainda uma mistura de ambos. Os transitivos exigem um objeto e os intransitivos não o fazem. Aqueles que são ambos ao mesmo tempo, têm o objeto como sendo facultativo. Ainda sobre sua estrutura, alguns PVs podem ter o verbo separado da preposição enquanto outros não permitem que esta separação ocorra.

Gregorim e Nash (2010) explicam que esta é uma estrutura extremamente presente na língua inglesa tanto no discurso formal, quanto no informal, existem milhares deles e o seu número aumenta constantemente. Alguns deles apresentam múltiplos significados, visto que o mesmo verbo pode ser combinado com diversas preposições e originar diferentes PVs.

Considerando os fatos previamente apresentados acerca das escolhas e desafios que são enfrentados por um tradutor e a complexidade dos PVs, ao longo dos anos muito esforço foi empregado para trazer soluções para tais dificuldades e assim otimizar este trabalho. As técnicas de tradução são um dos principais resultados trazidos por tais esforços e Chesterman (1997) trouxe ricas contribuições para a área, por isso sua pesquisa é utilizada como base para as análises que foram apresentadas neste trabalho.

### **2.3 Técnicas de tradução**

O foco principal deste trabalho são as estratégias de tradução que oferecem alternativas para o desafio de traduzir *Phrasal verbs*. Chesterman (1997) e suas contribuições trazidas no livro *Memes of translation* são a base principal desta pesquisa. Segundo a classificação trazida por ele, estas técnicas ou estratégias podem ser organizadas em três grandes grupos: estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas. Cada uma delas possuindo subgrupos que serão explanados nos parágrafos e quadro que seguem. As estratégias sintáticas estão mais relacionadas à estrutura das frases e à sequência dos termos em determinada oração. Essas estratégias são subdivididas em 10 e representadas pela letra “G”, seguida de um número.

Já as estratégias de natureza semântica estão relacionadas ao significado das estruturas que estão sendo trabalhadas. Esta categoria é mais recorrente que a anterior nas traduções de PVs, como será mostrado na seção de análises, e são agrupadas em 10, sendo representadas pela letra “S”, seguida de um número.

Por fim, ainda de acordo com a classificação de Chesterman (1997), temos as estratégias pragmáticas que dizem respeito à mensagem transmitida pelos signos e o contexto em que ela

é aplicada. Estas estão diretamente conectadas aos aspectos culturais e mais práticos do que as demais estratégias citadas. Assim, como as anteriores, as estratégias de cunho pragmático são agrupadas em 10 e representadas pela sigla “Pr”, acompanhada de um número.

Branco (2009) traz em uma de suas obras um quadro que explana todas as três áreas e suas respectivas estratégias, bem como aplicações. A autora é utilizada neste trabalho a fim de obtermos uma melhor visualização destas técnicas e seus subgrupos:

**Quadro 1:** Estratégias de Tradução de Chesterman (1997)

| <b>Estratégias sintáticas</b>     |  |
|-----------------------------------|--|
| G1: Tradução literal              | O mais próximo possível da estrutura gramatical do texto de origem.  |
| G2: Empréstimo, calque            | Escolha deliberada e consciente.   |
| G3: Transposição                  | Qualquer mudança de classe de palavra, de substantivo para verbo, de adjetivo para advérbio.   |
| G4: Deslocamento de unidade       | Uma unidade do texto de origem (morfema, palavra, frase, oração, sentença, parágrafo) traduzida como uma unidade diferente no texto de chegada.  |
| G5: Mudança estrutural da frase   | Uma série de mudanças no nível da frase, incluindo número, exatidão, e modificação na oração substantiva, pessoa, tempo e modo verbal.           |
| G6: Mudança estrutural da oração  | Mudanças na estrutura da oração em si, tratando de suas frases constituintes.  |
| G7: Mudança estrutural de período | Está relacionada à estrutura da unidade da sentença.   |
| G8: Mudança de coesão             | Está relacionada à referência intratextual, elipse, substituição, pronominalização e repetição ou o uso de conectores de vários tipos.           |
| G9: Deslocamento de nível         | O modo de expressão de um determinado item muda de um nível (fonológico, morfológico, sintático e lexical) para outro.                           |
| G10: Mudança de esquema           | Tipos de mudanças que tradutores incorporam na tradução de esquemas retóricos, tais como paralelismo, repetição, alteração, ritmo, métrica, etc. |
| <b>Estratégias semânticas</b>     |  |
| S1: Sinonímia                     | Seleciona não o equivalente óbvio, mas um sinônimo ou um termo “quase-sinônimo”.   |
| S2: Antonímia                     | O tradutor seleciona um antônimo e o combina com um elemento de negação.   |
| S3: Hiponímia                     | Mudança na relação hiponímica.   |
| S4: Conversão                     | Pares de estruturas (geralmente) verbais que expressão a mesma ideia, mas de pontos de vista opostos, tal como “comprar” e “vender”.             |
| S5: Mudança de abstração          | Uma seleção de nível de abstração diferente, podendo variar de abstrato para mais concreto ou de concreto para mais abstrato.                    |
| S6: Mudança de distribuição       | Mudança na distribuição dos “mesmos” componentes semânticos para mais itens (expansão) ou menos itens  |

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
|                                   | (Compressão)  |
| S7: Mudança de Ênfase             | Acrescenta, reduz ou altera a ênfase ou foco temático, por uma razão qualquer.  |
| S8: Paráfrase                     | Resulta em uma versão do texto de chegada que pode ser descrita como distante do texto de origem, em alguns casos até sem tradução. Componentes semânticos no nível do lexema tendem a ser ignorados, favorecendo a ideia pragmática de alguma outra unidade, como por exemplo, uma oração inteira. |
| S9: Mudança de Tropos             | Tradução de tropos retóricos (ex. expressões figurativas).  |
| S10: Outras Mudanças Semânticas   | Incluindo outras modulações de vários tipos, tais como a mudança de sentido (físico) ou direção dêitica.  |
| <b>Estratégias Pragmáticas</b>    |   |
| Pr1: Filtro Cultural              | Também tratada como naturalização, domesticação ou adaptação.   |
| Pr2: Mudança de Explicitação      | Mais direcionada à informação explícita, ou mais direcionada à informação implícita.  |
| Pr3: Mudança de Informação        | Adição de nova informação considerada relevante ao texto de chegada, mas que não está presente no texto original ou a omissão de informações presentes no texto original consideradas irrelevantes  |
| Pr4: Mudança Interpessoal         | Altera o nível de formalidade, o grau de emotividade e envolvimento, o nível de léxico técnico e assim por diante; o que quer que envolva mudança na relação entre texto/autor e o leitor.  |
| Pr5: Mudança de Elocução          | Ligada a outras estratégias: mudança do modo verbal do indicativo para o imperativo, mudança de afirmação para pedido.  |
| Pr6: Mudança de Coerência         | Organização lógica da informação no texto, no nível ideacional.   |
| Pr7: Tradução Parcial             | Qualquer tipo de tradução parcial, tais como tradução resumida, transcrição, tradução apenas de sons e assim por diante.  |
| Pr8: Mudança de Visibilidade      | Mudança na presença de autoria; ou a inclusão evidente ou em primeiro plano da presença tradutória. Por exemplo, notas de rodapé do tradutor, comentários entre chaves ou comentários adicionais explícitos.  |
| Pr9: Reedição                     | A reedição às vezes radical que tradutores precisam fazer com relação a textos originais mal escritos.  |
| Pr10: Outras Mudanças Pragmáticas | Mudanças no layout do texto, por exemplo, ou na escolha dialetal.   |

Fonte: BRANCO (2009)

Analisando o quadro acima e mais especificamente as definições dadas para cada estratégia, pode-se conceber essas estratégias como “uma organização crescente de sua classificação, que vai da forma linguística, passa pelo sentido e atinge o uso da língua” (CACHO, 2011, p.49).

Observamos que o propósito destas estratégias de tradução é o de oferecer opções ao tradutor, servindo como fonte de consulta para que ele esteja ciente das possibilidades disponíveis, independentemente do contexto ou estrutura com que se depara em suas traduções. É importante ressaltar, conforme é apresentado no tópico da análise dos dados deste trabalho, que os PVs podem ser classificados utilizando várias estratégias ao mesmo tempo, inclusive sendo possível que algumas dessas sejam da mesma categoria (sintática, semântica ou pragmática).

Na seção seguinte explicamos a classificação desta pesquisa quanto à sua natureza, objetivos e abordagem, bem como descrevemos a forma que ela foi conduzida, a fim de alcançar os resultados desejados.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa pode ser classificada como aplicada, pois gera conhecimento para aplicação prática e é voltada a solução de um problema específico que é a tradução de PVs. Quanto ao seu objetivo ela é descritiva pois não há interferência nos dados coletados. Sobre a pesquisa descritiva, Pradanov e Freitas (2013) discorrem que:

Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos. Assim, para coletar tais dados, utiliza-se de técnicas específicas, dentre as quais se destacam a entrevista, o formulário, o questionário, o teste e a observação (PRADANOV E FREITAS, 2013, p.52).

Quanto à sua abordagem, esta pesquisa é de natureza qualitativa, visto que os dados coletados são descritivos, e retratam o maior número de PVs possível existentes no devocional analisado. No entanto, alguns aspectos da pesquisa quantitativa foram utilizados para que os dados fossem mais bem agrupados e sua análise fosse facilitada. Um aspecto quantitativo utilizado nesta pesquisa é, por exemplo, a contagem de ocorrências de estratégias por PV.

É sabido que PVs são de difícil tradução por serem uma estrutura não frequente na língua portuguesa. Também sabemos que as técnicas de tradução são uma maneira de encontrar soluções para desafios durante o processo tradutório e, visto que é mostrado neste trabalho como esta solução pode ser empregada para o problema dos PVs, esta pesquisa tem um método dedutivo, pois o método dedutivo “parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica.” (GIL, 2008, p. 9).

O gênero textual analisado nesta pesquisa foi um devocional de cunho religioso chamado “*His grace is sufficient*”, que foi traduzido para o português como “Sua graça é suficiente”. Este devocional foi proferido na universidade de Brigham Young em 12 de julho de 2011, na cidade de Provo, estado de Utah e a sua tradução foi feita pela autora desta pesquisa. A veiculação da transcrição deste devocional é feita através do site [speeches.byu.com](http://speeches.byu.com), onde podem ser encontrados devocionais que datam do ano de 1946.

Devocionais semelhantes são promovidos semanalmente no próprio campus da universidade para todo o corpo estudantil e docente. O propósito destes devocionais é de fortalecer a fé dos membros da universidade, bem como oferecer auxílio especialmente aos alunos, que naturalmente enfrentam desafios devido à época de suas vidas em que tomam decisões de consequências duradouras, enquanto lidam com toda a carga acadêmica e muitas

vezes precisam ainda equilibrar tudo isso junto a um emprego de meio período que os ajuda a arcar com as despesas estudantis. Além de mensagens relacionadas a sua fé, estes devocionais também tratam de temas como saúde, educação, economia e outros.

A fim de coletar os dados analisados neste estudo, o texto fonte foi lido oito vezes. Durante esta leitura os PVs foram numerados e verificou-se quais deles foram repetidos ao longo do texto. O total de PVs coletados foi igual a quarenta e quatro, porém não foram consideradas as repetições de PVs, logo, trinta e três deles foram analisados nesta pesquisa. Em seguida agrupamos os PVs com suas respectivas traduções para permitir maior facilidade durante as análises e, por fim, foram determinadas quais das trinta estratégias de Chesterman (1997) seriam usadas na classificação de cada PV, o que permitiu que, a fim de uma melhor compreensão das análises, os dados fossem divididos em três categorias que foram a sintática, semântica e pragmática.

#### 4 ANÁLISE DE DADOS

No quadro e parágrafos que seguem, serão apresentados os dados coletados no devocional analisado. Primeiramente o quadro apresenta todos os PVs encontrados no devocional e eles estão acompanhados de sua tradução no texto de chegada e das estratégias de tradução que se aplicam a cada um deles. Logo em seguida temos três sessões que dividem os dados coletados em estratégias sintáticas, semânticas e pragmáticas para uma melhor compreensão das ocorrências verificadas no texto de partida. Juntamente com cada sessão é feita uma análise das implicações dos padrões detectados e é mostrado desafios encontrados em PVs específicos e quais escolhas foram feitas pelo tradutor para sanar tais questões.

**Quadro 2:** Tradução dos PVs e classificação de acordo com as estratégias de tradução

| PV no devocional   | Tradução do PV   | Estratégias de tradução |
|--|--|-------------------------|
| “What have they asked you to <b>speak on?</b> ”  | “Sobre o que eles pediram que você <b>falasse?</b> ”                             | S1                      |
| “... I got my words <b>mixed up...</b> ”   | “Eu ... <b>misturei</b> as palavras...”  | S1                      |
| “... I had better <b>go back</b> to the original topic...”                               | “... é melhor <b>me ater</b> ao tópico original...”                              | G5, G9, S5, S8.         |
| “She then <b>went on</b> to tell me...”  | “Ela <b>começou</b> a dizer...”  | G9, S5, S8              |
| “...Jesus <b>makes up</b> the difference...”   | “...Jesus <b>cobre</b> a diferença...”   | G9, S8                  |
| “I then said, <b>go ahead...</b> ”   | “Então eu disse, <b>vá em frente...</b> ”  | G1                      |
| “Justice requires immediate perfection or a punishment when we <b>fall short.</b> ”      | “A justiça requer perfeição imediata ou uma punição quando <b>fracassamos.</b> ” | G3, G5, G9, S8          |
| “...like making deposits (...) instead of <b>paying off</b> debt.”                       | “...como fazer depósitos (...) ao invés de <b>pagar</b> uma conta...”            | S1.                     |
| “You still have to <b>hand it over</b> every month ...”                                  | “Você ainda tem que <b>pagar</b> todos os meses ...”                             | G9, S5, S8.             |
| “And so, she continues to <b>call for</b> practice...”                                   | “E assim ela continua a <b>exigir</b> prática...”                                | G9, S5, S8.             |
| “We have not yet comprehended what He is trying to <b>make of us.</b> ”                  | “Ainda não compreendemos em que ele está tentando nos <b>transformar.</b> ”      | G5, G9.                 |
| “I know a Young man who just <b>got out</b> of prison – again.”                          | “Eu conheço um rapaz que acabou de <b>sair</b> da prisão – novamente.”           | G5, G8, S1              |
| “We need to <b>get him to</b> EFY.”  | “Nós precisamos <b>mandá-lo</b> para o EFY.”                                     | G8, S8                  |
| “I can’t afford it either, but you <b>put some in</b> , and I’ll <b>put some in...</b> ” | “Eu também não, mas você <b>contribui</b> com algo e eu <b>também...</b> ”       | G5, S5                  |
| “There have to be two points you can <b>squeeze out</b> of that essay.”                  | “Tem que haver dois pontos que você possa <b>espremer</b> daí.”                  | G8, S1                  |

|  |  |                 |
|--|--|-----------------|
| “It takes me forever to <b>get it right.</b> ”   | “Eu demoro <b>séculos para acertar.</b> ”  | G6, S6, S8.     |
| “To many are <b>giving up</b> on the church...”  | “Muitos estão <b>desistindo</b> da igreja...”  | G5, G8.         |
| “They <b>Slip up.</b> ”  | “Elas <b>escorregam</b> ”  | G5, S1.         |
| “They <b>let things go</b> too far...”   | “Elas <b>deixam as coisas irem</b> longe demais...”  | G1              |
| “There are Young men who <b>grow up</b> their whole lives singing...”                      | “Existem rapazes que <b>crecem</b> cantando a vida inteira...”   | G5, S1.         |
| “and then they actually grow a foot or two and <b>flake out</b> completely.”               | “Depois eles crescem um pouco mais e <b>amarelam</b> completamente.”   | G5, S8.         |
| “They (...) graduate from high school and <b>go away</b> to college.”                      | “Eles (...) se formam no ensino médio, <b>vão</b> pra universidade...”   | G8, S1          |
| “Then suddenly <b>find out</b> how easy it is...”  | “De repente estes rapazes <b>descobrem</b> quão fácil é...”  | G5, S8.         |
| “They <b>mess up.</b> ”  | -  | Pr3.            |
| “... come home and <b>slip back into</b> bad habits...”                                    | “...vão pra casa e <b>voltam lentamente</b> para os maus hábitos...”   | G5, G8, S6.     |
| “I know married couples who <b>find out</b> after the sealing ceremony is over...”         | “Eu conheço jovens casais que <b>descobrem</b> depois que a cerimônia de selamento acaba...”                           | G5, S8.         |
| “Walls <b>go up.</b> ”   | “Barreiras <b>são erguidas</b> ”   | S5, S8.         |
| “So grace is not a booster engine that <b>kicks in</b> once our fuel supply is exhausted.” | “Então a graça não é um motor impulsor que <b>nos empurra</b> quando o nosso suprimento de combustível está esgotado.” | G8, S8.         |
| “we can always <b>count on</b> the sun ...”  | “nós podemos sempre <b>contar</b> com o sol ...”   | S1,             |
| “(...) the sun <b>coming up.</b> ”   | “(...) o sol <b>nascendo.</b> ”  | G5, S5, S8.     |
| “...have recurring feelings of <b>falling forever short...</b> ”                           | “...tem sentimentos recorrentes de <b>fracasso...</b> ”  | G3, G5, G9, S8. |
| “I’m <b>pulling for</b> you”   | “Eu estou <b>torcendo</b> por vocês”   | S8, S9.         |
| “And Jesus is <b>Pulling with</b> you.”  | “E Jesus está <b>jogando</b> com vocês”  | S5, S8, S9      |

Fonte: Elaborado pela autora.

Comparando a classificação atribuída a cada PV pode-se identificar alguns padrões e isso nos ajuda a entender certos fenômenos recorrentes no processo tradutório e ter uma visão mais assertiva das melhores alternativas para cada classe de PV.

Ao analisar os dados coletados, pode-se observar que apenas 12 das 30 estratégias de tradução propostas por Chesterman (1997) foram utilizadas. Destas, a estratégia mais recorrente foi a S8. As estratégias menos utilizadas foram as Pr3 e G6. Todos os demais dados colhidos durante o momento da análise serão apresentados detalhadamente nos parágrafos seguintes.

#### 4.1 Estratégias sintáticas

A primeira estratégia de tradução proposta por Chesterman (1997) é a G1 (Tradução literal) e esta busca um equivalente exato para o signo que se está traduzindo. Foram encontradas duas ocorrências desta técnica, a saber nos PVs de número 6 e 19. Algo interessante pode ser percebido na baixa frequência com que a “tradução literal” é utilizada. Conforme descrito na fundamentação teórica, Pinho (2005) nos mostra que a função da tradução, há muitos anos, deixou de ser apenas a busca pelas palavras mais próximas entre uma língua e outra. A figura do tradutor hoje é compreendida como a de um agente mediador que tem como missão compreender a essência do que foi dito (ou escrito) pelo interlocutor e transmitir esta mensagem considerando o público que a recebe e a proximidade com aquilo que é familiar para eles, a fidelidade a mensagem transmitida pelo interlocutor e não o apego as estruturas utilizadas e o respeito as normas de tradução aplicáveis a realidade do seu trabalho específico. Se considerássemos o ideal de tradução de alguns anos atrás, pode-se inferir que a ocorrência da estratégia G1 seria consideravelmente mais elevada.

Não foi registrada nenhuma ocorrência da estratégia G2 (Empréstimo, Calque) devido ao tipo de texto traduzido que não apresentou oportunidade de empréstimo da língua de partida para a língua de chegada nos PVs, embora tais ocorrências possam ser encontradas em outras estruturas que não são abordadas neste trabalho.

Bem como a estratégia G1, temos dois usos da estratégia G3 (Transposição) que foram os PVs 7 e 31. Esta é uma estratégia mais abrangente e por isso ambas as ocorrências serão explicadas. O PV de número 7 diz respeito a uma mudança de classe de palavra, visto que o PV é composto por dois elementos: o verbo *fall* e o advérbio *short*. Este segundo elemento foi suprimido de maneira que apenas o verbo “fracassar” supriu as necessidades daquela mensagem. Como o verbo e advérbio da língua de partida foram substituídos por apenas um verbo na língua de chegada, esta escolha se classifica como G3. Veremos mais a frente que a escolha do verbo “fracassar” foi também influenciada pela repetição da mesma estrutura no PV de número 31, sendo que este último contou ainda com a adição da partícula “*forever*”, porém a lógica da tradução foi exatamente a mesma, pois o contexto o permitiu.

Não houve nenhum uso da estratégia G4 (Deslocamento de unidade), porém em contrapartida, a estratégia G5 (Mudança estrutural da frase) foi repetida quatorze vezes, a saber os de número 3, 7, 11, 12, 14, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 26, 30 e 31. É natural ter tantas ocorrências desta estratégia pois ela, bem como a G3, abrange muitas mudanças simples e comuns ao processo de tradução. No PV 3, por exemplo, houve uma mudança no modo verbal da oração

que antecedeu o PV “*go back*” que foi traduzido como “me ater”. No PV número 11 a oração substantiva foi modificada visto que o número de elementos, bem como a classe dos mesmos foi modificada. Na estrutura em inglês tínhamos um verbo + preposição + pronome. Quando este PV foi traduzido, passou a ser composto por pronome + verbo. Por fim, podemos citar o exemplo do PV 14 que teve na mesma linha o mesmo PV repetido e, portanto, o segundo uso foi substituído pela palavra “também”.

A estratégia G6 (Mudança estrutural da oração) foi usada uma vez no PV 16. O PV foi completamente modificado e o que era composto por verbo + pronome + adjetivo se tornou apenas o verbo “acertar” no texto de chegada. Considerando que G6 é a estratégia que muda a estrutura da oração, este PV se encaixa na descrição desta estratégia.

Não houve ocorrência da estratégia G7 (Mudança estrutural de período). A estratégia G8 (Mudança de coesão) foi repetida seis vezes, a saber: 12, 13, 15, 17, 22 e 28. No PV de número 22 temos o exemplo de elipse devido a supressão da preposição “*away*”, que é a mesma técnica usada nos PVs 12 e 15. O uso de pronominalização é encontrado no PV 13 com a substituição do pronome “*him*” pela partícula após o verbo mandar: “mandá-lo”. A técnica de substituição é observada no PV 28 quando a preposição é substituída pelo pronome e também devido a troca de sentido do PV “*kick in*” pelo verbo “empurrar”.

A estratégia G9 (Deslocamento de nível) foi usada 8 vezes, a saber nos PVs 3, 4, 5, 7, 9, 10, 11 e 31. Quase todas as ocorrências desta estratégia estão relacionadas a mudanças no nível lexical. Foi necessário afastar-se do sentido literal do PV para adequar-se ao contexto e as expressões comumente usadas em português. Podemos tomar como exemplo o PV “*hand it over*” que foi traduzido como “pagar”. Houve tanto uma mudança lexical, devido ao significado ter-se adaptado ao contexto e não ao seu equivalente exato na língua de chegada, quanto sintática, pois alguns elementos foram removidos ou substituídos. A estratégia G10 (Mudança de esquema) não foi utilizada e com ela as técnicas de cunho sintático são encerradas.

## 4.2 Estratégias semânticas

A estratégia S1 (Sinonímia) não é a tradução literal da estrutura, mas possui grande equivalência e pode ser classificada como um sinônimo, uma das traduções mais próximas do texto de partida, depois da tradução literal (ou G1). É uma alternativa viável para PVs com estrutura semelhante ao idioma de chegada e que não apresentam estruturas mais complexas, como sentido figurado, por exemplo. Foram encontradas nove ocorrências do S1, a saber (1, 2, 8, 12, 15, 18, 20, 22 e 29). Pode-se observar que na maioria dos casos apresentados, não há

outra estratégia, S1 é a única aplicada. Isso se deve ao fato de ser uma tradução muito próxima do texto de partida e por isso não há espaço para muitas técnicas. É preciso apenas encontrar o equivalente mais próximo na linha de chegada.

Não há nenhuma ocorrência das estratégias S2 (Antonímia), S3 (Hiponímia) e S4 (Conversões). A estratégia S5 (Mudança de abstração) possui sete ocorrências e são elas os PVs de número 3, 4, 9, 10, 14, 27 e 30. Esta está relacionada a variação de abstração da tradução que pode partir tanto do mais concreto para o mais abstrato, quanto o inverso, do mais abstrato para o mais concreto. Um exemplo disto é o PV de número 27 que usa a expressão “*Walls go up*” que remete ao sentido prático da construção de uma parede, onde a medida que cada tijolo é colocado, esta se torna mais alta e se dirige a uma direção cada vez mais alta. Porém este PV foi traduzido como “barreiras são erguidas” que de fato é o que o contexto indica.

A estratégia S6 (Mudança de distribuição) pode ser encontrada na tradução de dois PVs que são o 16 e o 25. Esta estratégia diz respeito a distribuição e quantidade dos elementos semânticos e foi constatado que, em ambos os PVs, os elementos constituintes foram reduzidos. Não houve ocorrência de S7 (Mudança de ênfase). A estratégia S8 (Paráfrase) teve um número significativo de ocorrências, igual a dezessete usos, sendo eles 3, 4, 5, 7, 9, 10, 13, 16, 21, 23, 26, 27, 28, 30, 31, 32 e 33. A alta frequência desta estratégia diz muito a respeito das escolhas do tradutor. Muitas pessoas se referem a estratégia S8 como sendo uma “tradução livre” pois quando esta é aplicada, a mensagem pode ser repassada através de uma estrutura completamente diferente do texto de partida, desde que a mensagem por este passada seja mantida. Toda a preocupação está voltada para a mensagem em si e não o formato em que ela é transmitida. Esta estratégia é de vital importância para os tradutores, visto que, muitas vezes, estruturas como os PVs não possuem equivalente em língua portuguesa e é neste momento que o papel do tradutor é o de filtrar a mensagem e conceder a esta uma nova forma, mantendo toda a sua essência.

Uma ocorrência da estratégia S9 (Mudança de tropo) foi observada no PV de número 32. Esta estratégia é utilizada quando a estrutura no texto de partida é, por exemplo, uma expressão figurativa e possui uso muito específico para cada contexto. “*Pull*”, que é o verbo “puxar” em português, é usado neste PV, porém podemos observar que quando a partícula “*for*” é acrescentada, todo um novo significado foi atribuído a estrutura. “*Pull for*” significa torcer ou apoiar algo ou alguém. Para que a tradução desta estrutura fosse de qualidade, fez-se necessário levar em consideração um trocadilho feito com o mesmo verbo em um momento logo à frente no texto. Após dizer que uma série de pessoas estão apoiando os jovens da igreja, o interlocutor afirma que Jesus está “*pulling with [them]*”. Visto que o verbo “*to pull*” significa

puxar, no contexto de jogos, o mesmo pode ser associado a uma partida de cabo de guerra, onde dois times puxam uma corda em lados opostos a fim de provar quem é o mais forte.

Trazendo esta ideia para o contexto do devocional, o interlocutor teve a intenção de fazer um jogo de palavras e mostrar que, se fosse feita uma analogia entre a vida e uma competição de cabo de guerra, Jesus seria parte integrante do time dos jovens da igreja e estaria sempre ao lado destes competidores puxando a corda, o que faz de todas as outras pessoas mencionadas, os espectadores nas arquibancadas que estariam torcendo pelos jovens e os apoiando durante o jogo da vida. Não houve ocorrência da estratégia S10 (Outras mudanças semânticas).

### 4.3 Estratégias pragmáticas

De todas as estratégias da categoria pragmática, a Pr3 (Mudança de informação) foi a única utilizada. Esta ocorrência se deu no PV de número 24. O uso desta estratégia se deu pela remoção do PV “*mess up*” esta técnica pode ser utilizada quando a ausência da estrutura não representa impacto negativo para a transmissão da mensagem e quando, por alguma razão clara, sua tradução não seria benéfica ou traria algo para somar ao texto positivamente.

No caso deste PV em específico, a escolha da omissão se deu devido ao distanciamento entre a estrutura no texto de partida e a sua tradução no texto de chegada para o contexto do devocional. A tradução de “*mess up*” é bagunçar, porém quando o interlocutor fez uso desta estrutura, ele quis dizer, na verdade, fracassar, cair novamente no mesmo erro, o que já estava sendo enfatizado nos demais elementos do parágrafo e por isso a remoção foi válida e justificada.

Assim, verificamos que dos trinta e três PVs analisados nesta pesquisa: vinte e quatro deles foram classificados na categoria sintática (sendo eles distribuídos da seguinte forma: dois do grupo G1, dois do G3, quatorze do G5, um do G6, seis do G8 e oito do G9 e a soma destes PVs não é igual ao número de ocorrências na categoria sintática visto que mais de uma estratégia pode ser aplicada ao mesmo PV); vinte e oito deles foram classificados na categoria semântica, (sendo eles distribuídos desta maneira: nove pertencentes ao grupo S1, sete ao S5, dois ao S6, dezessete ao S8 e um ao S10); e apenas um deles foi classificado na categoria pragmática (no grupo Pr3).

No tópico seguinte, tecemos as nossas considerações finais acerca da pesquisa realizada, retomando os nossos objetivos de pesquisa e apresentando a importância deste estudo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo da tradução é muito abrangente e, embora nesta pesquisa tenha sido dado ênfase a um gênero textual e tipo de tradução específicos, as técnicas de tradução que aqui foram abordadas são de valia igualmente extensa. As estratégias de tradução de Chesterman (1997) foram a base principal para a análise da tradução e também para criar maior visibilidade para a necessidade de mais estudos e discussões acerca das possibilidades para os desafios tradutórios.

Todos os *phrasal verbs* trabalhados nesta pesquisa foram classificados nas categorias estabelecidas por Chesterman (1997), sendo sua maioria classificados em três ou mais estratégias, de modo que todas os desafios apresentados pelos PVs foram solucionados com qualidade, resultando assim em uma tradução satisfatória, levando em conta os requisitos desta tradução em específico.

Este estudo teve como objetivo principal analisar a tradução dos *phrasal verbs* presentes no devocional *His grace is suficiente* de Brad Wilcox (2011), mostrando quais estratégias de tradução (CHESTERMAN, 1997) se aplicam a cada tradução. Também foi o foco deste trabalho investigar se a mensagem trazida, especificamente pelos PVs, foi efetivamente transmitida, levando em consideração não somente a tradução de cada estrutura, mas o contexto em que a mesma estava inserida e o tipo de gênero textual. Ambos objetivos, geral e específico, foram satisfatoriamente alcançados.

Para alcançar tais objetivos, todos os PVs foram extraídos do texto de partida e inseridos em um quadro, juntamente com a tradução proposta no texto de chegada e os tipos de estratégias aplicadas a cada PV. Com esta análise, era esperado que todos os PVs se encaixassem em ao menos uma estratégia de tradução a fim de mostrar que caso o tradutor tenha conhecimento destas técnicas de tradução, ele estará ciente das opções disponíveis para traduzir estruturas que são complexas por não possuírem equivalente na língua de chegada ou porque o contexto em que a mesma foi apresentada não pode ser transmitido rigorosamente da maneira como foi trazida pelo autor do texto de partida.

Foram extraídos trinta e três PVs e eles foram classificados em treze estratégias de tradução, o que significa que dezessete delas não foram aplicadas na classificação. Dos trinta e três PVs, vinte e seis foram classificados em mais de uma estratégia e os outros sete se encaixaram em apenas uma das estratégias. Vale ressaltar que as estratégias que classificam um mesmo PV em muitos casos pertenciam a categorias diferentes. Tivemos exemplos de PVs

classificados em estratégias tanto sintáticas quanto semânticas, porém não foi registrado nenhum caso em que o PV foi classificado em todas as três categorias.

Essa classificação do mesmo PV em diferentes categorias ressalta a ênfase que tem sido dada em uma tradução mais voltada para o público-alvo e contexto social do que para a “fidelidade” ao texto fonte. A mistura das categorias semântica, sintática e pragmática mostra que, para a mesma estrutura, há diversas soluções que se moldam as necessidades linguísticas trazidas por aquele contexto específico e que o domínio dessas técnicas é de grande relevância para o êxito no exercício da tradução.

Este trabalho foi desenvolvido como pré-requisito para conclusão do curso de letras – habilitação em língua inglesa da Universidade Estadual da Paraíba. Embora este seja um curso voltado para a área de ensino, nos períodos finais do curso o aluno estuda duas disciplinas voltadas para a área de tradução. A escolha deste tema de pesquisa foi também motivada pela necessidade identificada durante o período da graduação de maior visibilidade desta área no currículo do curso para que os alunos possam conhecer mais a fundo todas as possibilidades trazidas pela tradução e inclusive sua relevância para o ensino. Os resultados obtidos nesta pesquisa são relevantes para tradutores de modo geral e pesquisadores da área de tradução e ensino. As conclusões obtidas com este estudo são válidas para compreender melhor a natureza dos *phrasal verbs* e o leque de possibilidades que o tradutor tem em mãos.

## REFERÊNCIAS

- BRANCO. **Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009.
- CACHO, M. B. **Análise das Estratégias de Tradução em Textos Traduzidos do Inglês para o Português por Aprendizizes do Curso de Letras da UFCG**. 2011. 200 fls. Dissertação (Mestrado) – Unidade Acadêmica de Letras, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.
- CHESTERMAN, A. **Mememes of translation: the spread of ideas in translation theory**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1997.
- CORACINI, M. J. R. F. **(Auto) representações do tradutor: entre a fidelidade e a traição**. In: Cadernos de Tradução. Florianópolis: UFSC, v. 2, n. 16, 2005.
- CORACINI, M. J. R. F. **O Sujeito Tradutor entre a “Sua” Língua e a Língua do Outro**. São Paulo, n. 14, p. 91-108, 2005.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOROVITZ, Sabine. **Os labirintos da tradução: a legendagem e a construção do imaginário**. Brasília: Ed. UnB, 2006.
- GREGORIM, Clóvis Osvaldo; NASH, Mark G. MICHAELIS: **dicionário de phrasal verbs: inglês – português**. São Paulo: Editora melhoramentos, 2010.
- JAKOBSON, Roman. On Linguistics Aspects of Translation. In: VENUTI, L. **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 1959.
- PINHO, J. M. C. A. *Tradutor – Em Busca de Novos Rumos*. In: **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: UFSC, v. 1, n. 15, 2005.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.
- SOUZA, José Pinheiro de. **Teorias da Tradução: Uma Visão Integrada**. *Revista de Letras*. Nº 20, Vol. 1/2, jan/dez, 1998, p. 51-67.

**APÊNDICE – Tradução do devocional *His grace is sufficient* de Brad Wilcox (2011)**

**SUA GRAÇA É SUFICIENTE**

**Brad Wilcox**

**Tradução livre por Helloyse Cavalcanti Silva**

Discurso proferido em um devocional na BYU dia 12 de julho de 2011.

Eu sou grato por estar aqui com minha esposa Debi, e meus dois filhos mais novos – que atualmente estudam na BYU – e muitos membros da família que vieram para estar conosco.

É uma honra ser convidado para falar pra vocês hoje. Muitos anos atrás eu recebi um convite para discursar na conferência das mulheres. Quando contei a minha esposa, ela perguntou, “Sobre o que eles pediram que você falasse?” Eu estava tão animado que misturei as palavras e respondi, “Eles querem que eu fale sobre transformar coisas fortes em fraquezas.” Ela pensou por um minuto e disse: “Bem, eles escolheram o homem certo para o trabalho!”.

Ela está certa. Eu poderia fazer um discurso grandioso sobre este assunto, mas eu acho que hoje é melhor me ater ao tópico original e falar sobre transformar fraquezas em coisas fortes e sobre como a graça de Jesus Cristo é suficiente (Ver Éter 12:27; D&C 17:8; II Coríntios 12:9) – Suficiente para proteger-nos, suficiente para transformar-nos e suficiente para ajudar-nos durante todo o processo de transformação.

- Como funciona realmente a graça de Deus

Uma estudante da BYU me procurou certa vez e perguntou se poderíamos conversar. Respondi: “Claro! Em que posso ajudar?”

Ela disse: “Simplesmente não entendo a graça”.

Respondi: “O que é que não entende?”

Ela disse: “Sei que preciso fazer o melhor de mim e depois Jesus fará o resto, mas nem sequer consigo fazer o melhor de mim”.

Ela começou a dizer todas as coisas que ela deveria estar fazendo porque ela é uma “mórmon”, mas que ela não está fazendo. Ela continuou, eu sei que eu tenho que fazer minha parte e depois Jesus cobre a diferença e preenche a lacuna que se estende entre minha parte e a perfeição. Mas quem preenche a lacuna que se estende entre onde eu estou agora e a minha parte? Ela foi em frente dizendo todas as coisas que não deveria estar fazendo porque ela é uma “mórmon”, mas que ela fazia de todo jeito.

Finalmente eu disse, “Jesus não cobre a diferença. Jesus faz toda a diferença. A graça não consiste em preencher lacunas, consiste em nos preencher”.

Vendo que ela ainda estava confusa, eu peguei um pedaço de papel e desenhei dois pontos - um no topo representando Deus, e um no rodapé representando nós - Depois eu disse, “vá em frente, desenhe a linha. Quanto é a nossa parte? Quanto é a parte de Cristo?”

Ela foi bem para o centro da página e começou a desenhar uma linha. Depois, considerando o que tínhamos conversado a respeito, ela foi para o rodapé da página e desenhou uma linha logo acima do rodapé.

Eu disse “Errado.”

Ela disse, “Eu sabia que era mais em cima. Eu deveria ter desenhado, porque eu sabia.”

Eu disse, “Não. A verdade é que não há linha. Jesus preencheu o espaço completo. Ele pagou nossa dívida por completo. Ele não deixou alguns centavos a serem pagos. Ele pagou tudo. Está acabado.”

Ela disse: “Certo! Então não tenho que fazer nada?”

“Oh não,” “Eu disse, você tem muito a fazer, mas isto não é para preencher a lacuna. Todos nós iremos ressuscitar. Todos nós voltaremos a presença de Deus. O que é determinado por nossa obediência é o tipo de corpo com que nós pretendemos ressuscitar. Todos nós voltaremos a presença de Deus. O que é determinado por nossa obediência é o tipo de corpo com que nós pretendemos ressuscitar, Quão confortáveis nós pretendemos estar na presença de Deus e quanto tempo nós pretendemos permanecer lá.”

Cristo nos pede para mostrarmos fé Nele, nos arrependermos, fazer e cumprir convênios, receber o Espírito Santo, e perseverar até o fim. Ao obedecermos, nós não estamos pagando as demandas da justiça – nem mesmo a menor parte. – No entanto, nós estamos mostrando apreço pelo que Jesus Cristo fez usando a obediência para viver uma vida como a dele. A justiça requer perfeição imediata ou uma punição quando fracassamos. Por ter tomado sobre si essa punição, Jesus pode nos oferecer a chance de perfeição final (ver Mateus 5:48; 3 Néfi 12:48) e nos ajudar a alcançar essa meta. Ele perdoa algo que a justiça jamais poderia perdoar e pode propor-nos agora seu próprio conjunto de exigências (Ver 2 Néfi 2:7; 3 Néfi 9:20).

“Então qual é a diferença?” A garota perguntou. “Seja exigido pela justiça ou por Jesus, ainda assim eles são exigidos.”

“Verdade,” eu disse, “mas eles são exigidos por propósitos diferentes. “Cumprir as exigências de Cristo é como pagar uma hipoteca ao invés de aluguel, ou como fazer depósitos em uma poupança ao invés de pagar uma conta. Você ainda tem que pagar todos os meses, mas é por uma razão totalmente diferente.”

- A graça de Cristo é suficiente para transformar-nos

O trato de Cristo conosco é semelhante ao de uma mãe que contrata aulas de música para o filho. A mãe paga o professor de piano. Quantos de vocês sabem do que estão falando? (praticamente todos erguem a mão) Como a mãe paga a dívida integralmente, pode pedir algo ao filho. O que é? (Congregação diz em uníssono: Praticar!) A prática da criança paga o professor de piano? Não. A prática da criança reembolsa a mãe o que ela pagou ao professor de piano? Não. Praticando é como a criança mostra apreço pelo maravilhoso presente da mãe. É o modo de ele aproveitar a incrível oportunidade que a mãe está lhe dando de viver a vida em um nível mais elevado. A alegria da mãe não consiste em receber reembolso, mas em ver seu presente ser usado – ver o progresso do filho. E assim ela continua a exigir prática, prática, e pratica.

Se a criança considera o pedido da mãe muito autoritário (“Ah, mãe, por que preciso praticar? Nenhum amigo meu precisa! Afinal de contas eu quero ser jogador de basebol!”), talvez seja porque a criança não vê com os olhos da mãe. Ele não vê como sua vida poderia ser bem melhor se ele escolhesse viver um plano mais elevado.

Da mesma forma, por ter satisfeito a justiça, agora Jesus pode voltar-se para nós e dizer: “Vinde após mim” (Ver Mateus 4:19) Se considerarmos o pedido dele excessivo (“Ah, nenhum dos outros cristãos tem que pagar o dízimo! Nenhum dos outros cristãos tem que ir para a missão, servir em chamados e fazer o trabalho do templo!”), Talvez seja porque nós ainda não vemos com os olhos de Cristo. Ainda não compreendemos em que ele está tentando nos transformar.

O Elder Bruce R. Hafen escreveu: “O grande Mediador pede que nos arrependamos não porque o devemos repor por ter satisfeito a justiça, mas porque o arrependimento inicia um processo de crescimento que, com a ajuda do Salvador nos conduz ao longo do caminho para um caráter santo.”

Elder Dallin H. Oaks disse se referindo a explicação do presidente Spencer W. Kimball, “O pecador arrependido deve sofrer por seus pecados, mas esse sofrimento tem um propósito diferente de punição ou pagamento. Seu propósito é mudança.” Vamos aplicar isso à criança que está tendo aulas de piano: ela deve praticar piano, mas essa prática tem um propósito diferente doo que punição ou pagamento. Seu propósito é a mudança.

Eu tenho amigos evangélicos que me dizem: “Vocês mórmons estão tentando ganhar o seu caminho para o céu”.

Eu digo, “Não, nós não estamos ganhando o céu. Nós estamos aprendendo sobre o céu. Preparando-nos para isto (ver D&C 78:7). Nós estamos praticando para isto.”

Eles me perguntam, “Você foi salvo pela graça?”

Eu respondo, “Sim. Absolutamente, totalmente, completamente, gratamente- SIM!”

Depois eu os faço uma pergunta que provavelmente eles não tinham considerado totalmente: “Você foi mudado pela graça?” Eles estão tão empolgados em ser salvos que talvez não estejam pensando o suficiente sobre o que vem depois. Eles estão tão felizes por ter o débito pago que não consideram porque o débito existiu em primeiro lugar. Os santos dos últimos dias não sabem apenas do que Jesus nos salvou, mas também porque Ele nos salvou. Como diz o meu amigo Brett Sanders, “Uma vida impactada pela graça eventualmente começa a assemelhar-se a vida de Cristo.” Como diz o meu amigo Omar Canals, “Enquanto muitos Cristãos veem o sofrimento de Cristo apenas como um grande favor que Ele fez por nós, os santos dos últimos dias também o reconhecem como um grande investimento feito em nós.” Morôni disse: A graça não é apenas ser salvo. É também tornar-se como o Salvador (ver Morôni 7:48).

O milagre da expiação não é apenas nos permitir viver após a morte, mas viver em abundância (ver João 10:10). O milagre da expiação não é permitir que sejamos purificados e consolados, mas transformados (ver Romanos 8). As escrituras deixam bem claro que nada impuro pode habitar na presença de Deus (ver Alma 40:26), mas, irmãos e irmãs, nenhuma coisa que não tenha sido transformada irá ao menos querer isto.

Eu conheço um rapaz que acabou de sair da prisão- novamente. A cada vez que o caminho se dividia em duas estradas, ele escolhia a errada- Toda vez. Quando ele era um adolescente lidando com todos os maus hábitos que um jovem rapaz pode ter, eu disse ao seu pai, “Nós precisamos mandá-lo para o EFY.” Eu tenho trabalhado neste programa desde 1985. Eu sei o bem que ele pode fazer.

O pai dele disse, “Eu não posso pagar.”

Eu disse, “Eu também não, mas você contribui com algo e eu também, depois falamos com minha mãe que é quem realmente pode.”

Nós finalmente colocamos o rapaz no EFY, mas quanto tempo vocês acham que ele ficou? Nem mesmo um dia. Ao final do primeiro dia ele ligou para sua mãe e disse, “Me tire daqui!” O céu não será o céu para aqueles que não escolheram ser celestiais.

No passado eu tinha uma imagem em minha mente de como o julgamento final seria, e era mais ou menos assim: Jesus lá em pé com uma prancheta e Brad em pé do outro lado da sala olhando nervosamente para Jesus.

Jesus checa sua prancheta e diz, “Oh, não Brad. Você ficou de fora por dois pontos.”

Brad implora a Jesus, “Por favor, cheque as perguntas de desenvolvimento mais uma vez! Tem que haver dois pontos que você possa espremer daí.”

Mas ao passo que fico mais velho e entendo este maravilhoso plano de redenção, mais eu percebo que no julgamento final não será o pecador que não se arrependeu implorando a Jesus, “Deixe-me ficar.”

Não. Ele estará provavelmente dizendo, “Me tire daqui!” Conhecendo o caráter de Cristo, eu acredito que se ninguém estará implorando naquela ocasião, será provavelmente Jesus implorando ao pecador que não se arrependeu, “Por favor, escolha ficar. Por favor use minha expiação – não apenas para ser limpo, mas para mudar então você pode querer ficar.”

O milagre da expiação não significa apenas que poderemos voltar para casa, mas que, miraculosamente, poderemos nos sentir em casa lá. Se o Pai Celestial e Seu Filho não exigissem fé e arrependimento não haveria desejo de mudança. Pense em seus amigos e familiares que optaram por viver sem fé e sem o arrependimento. Eles não querem mudar. Não estão tentando abandonar o pecado e sentir-se à vontade na presença de Deus. Em vez disso, estão tentando abandonar a Deus e sentir-se confortáveis com o pecado. Se o Pai e o Filho não exigissem convênios e não concedessem o dom do Espírito Santo, não haveria nenhuma maneira de mudar. Precisaríamos nos contentar eternamente com a força de vontade, sem acesso ao Seu poder. Se o Pai Celestial e Seu Filho não exigissem perseverança até o fim, não haveria nenhuma internalização dessas mudanças ao longo do tempo. Elas seriam eternamente superficiais e aparentes em vez de se aprofundarem dentro de nós e de se tornarem parte de nós- parte de quem somos.

Simplificando, se Jesus não exigisse prática, nunca nos tornaríamos pianistas (santos).

- A graça de Cristo é suficiente para nos ajudar

“Mas irmão Wilcox, você não percebe o quão difícil é praticar? Eu não sou muito boa no piano. Eu toco muitas notas erradas. Eu demoro séculos para acertar.” Agora espere, tudo isso não faz parte do processo de aprendizado? Quando um jovem pianista toca uma nota errada nós não dizemos que é melhor ele nem continuar praticando. Nós não esperamos que ele seja impecável. Nós apenas esperamos que ele continue praticando. A perfeição deve ser sua última conquista, mas por agora nós ficamos satisfeitos com o progresso na direção correta. Por que esta perspectiva é de tão fácil compreensão no contexto de aprender piano, mas de tão difícil compreensão no contexto de aprender do céu?

Muitos estão desistindo da igreja porque eles estão cansados de se sentirem constantemente incapazes. Eles tentaram no passado, mas sempre sentem como se não fossem bons o suficiente. Eles não entendem a graça.

Existem moças que sabem que são filhas do Pai Celestial que as ama e elas o amam. Depois elas se formam no ensino médio, e os valores que elas memorizaram são postos a prova. Elas escorregam. Elas deixam as coisas irem longe demais e de repente elas acham que está tudo acabado. Estas moças não entendem a graça.

Existem rapazes que crescem cantando a vida inteira, “Eu quero ser um missionário quando eu crescer um pouco mais.” Depois eles crescem um pouco mais e amarelam completamente. Eles ganham asas,

se formam no ensino médio, vão pra universidade. De repente estes rapazes descobrem quão fácil é não ser confiável, leal, prestativo, amigável, cortês, gentil, obediente, animado, parcimonioso, bravo, limpo ou reverente. Eles dizem, “Eu nunca mais farei isto novamente,” e eles fazem. Eles dizem, “Nunca mais farei isto novamente,” e depois eles fazem. Eles dizem: “Isso é estúpido. Eu nunca farei isto novamente.” E depois eles fazem. A culpa é quase insuportável. Eles não ousam falar com o bispo. Ao invés disso, eles escondem. Eles dizem, “Eu não consigo fazer essas coisas de mórmon. Eu tentei e as expectativas são muito altas.” Então eles desistem. Estes rapazes não entendem a graça.

Eu conheço missionários retornados que vão pra casa e voltam lentamente para os maus hábitos que eles pensaram que estavam acabados. Eles quebram promessas feitas perante Deus, anjos e testemunhas, e eles estão convencidos que não há esperança para eles agora. Eles dizem, “Bem, eu estraguei tudo. Não há necessidade de tentar mais.” Sério? Estes jovens passaram missões inteiras ensinando as pessoas sobre Jesus Cristo e Sua expiação, e agora eles acham que não há esperança para eles? Esses missionários retornados não entendem a graça.

Eu conheço jovens casais que descobrem depois que a cerimônia de selamento acaba que casamento requer ajustes. As pressões da vida crescem, e o stress começa a produzir os seus efeitos financeiramente, espiritualmente e até sexualmente. Erros são cometidos. Barreiras são erguidas. Eles se distanciam e logo esses maridos e mulheres estão falando com advogados de divórcio ao invés de falarem uns com os outros. Esses casais não entendem a graça.

Nunca deveria haver apenas duas opções: perfeição ou desistência. Ao aprender piano, será que as únicas opções são apresentar-se no Carnegie Hall ou desistir? Não. Crescimento e desenvolvimento levam tempo. Quando compreendemos a graça, compreendemos que Deus é longânimo, que a mudança é um processo e que o arrependimento é um padrão em nossa vida. Quando compreendemos a graça, compreendemos que as bênção da Expiação de Cristo são contínuas e que Sua força é perfeita em nossa fraqueza (ver II Coríntios 12:9). Quando compreendemos graça, podemos como diz Doutrina e Convênios, “[continuar] pacientemente até [sermos] aperfeiçoados” (D&C 67:13).

Um rapaz me enviou o seguinte e-mail: “Eu sei que Deus tem todo o poder, e eu sei que ele me ajudará se eu for digno, mas eu nunca sou digno o suficiente para pedir a ajuda Dele. Eu quero a graça de Cristo, mas sempre me encontrarei preso no mesmo dilema: Sem trabalho, sem graça.”

Eu o escrevi de volta e testifiquei de todo meu coração que Cristo não está na linha de chegada esperando tudo o que pudermos fazer (2Néfi 25:23). Ele está conosco cada passo do caminho.

O Elder Bruce C. Hafen escreveu, “O presente da graça do Senhor para nós não é necessariamente limitado a um tempo “depois de tudo o que pudermos fazer. Podemos receber sua graça antes, durante e depois do tempo onde dedicamos todos os nossos esforços. Então a graça não é um motor impulsor que nos empurra quando o nosso suprimento de combustível está esgotado. É a nossa

constante fonte de energia. Não é a luz no fim do túnel, mas a luz que nos move através do túnel. A graça não é alcançada em algum lugar no fim da rodovia. É recebida bem aqui e agora (ver Hebreus 12:2).

Em doze dias celebraremos o dia dos pioneiros. A primeira companhia de Santos entrou no vale de Salt Lake em 24 de julho de 1847. Sua jornada foi difícil e desafiadora; ainda assim eles cantam:

(\*) Vinde, vinde, ó santos, sem medo ou temor;  
 Mas com alegria andai.  
 Embora difícil esta jornada possa parecer,  
 Graça será como seu dia.

“Graça será como seu dia” – Que frase interessante. Nós todos cantamos isso centenas de vezes, mas paramos para considerar o que significa? “Graça será como seu dia”: Graça será como um dia. Tão escuro quanto à noite pode se tornar, nós podemos sempre contar com o sol nascendo. Tão escuro quanto as nossas provações, pecados, e erros possam parecer, nós podemos sempre ter confiança na graça de Jesus Cristo. Nós somos recompensados com o por do Sol? Não. Nós temos que ser dignos de uma chance para começar de novo? Não. Nós temos que apenas aceitar estas bênçãos e tirar vantagem delas. Tão certo quanto cada novo dia, a graça – o poder capacitador de Jesus Cristo- é constante. Os pioneiros fiéis sabiam que não estavam sozinhos. A tarefa á frente deles nunca foi tão grande quanto o poder por trás deles.

- Conclusão

A graça de Cristo basta (ver Éter 12:27; D&C 17:8) – basta para saldar nossa dívida, basta para transformar-nos e basta para ajudar-nos enquanto durar esse processo de transformação. O Livro de Mórmon nos ensina a confiar unicamente nos “méritos e misericórdia e graça do Santo Messias” (ver 2 Néfi 2:8). Ao fazermos isso, não descobrimos – como creem alguns cristãos – que Cristo não exige nada de nós. Em vez disso, descobrimos a razão pela qual Ele exige tanto e encontramos força para fazer tudo o que Ele nos pede (Ver Filipenses 4:13). A graça não é a ausência das grandes expectativas de Deus. A graça é a presença do poder de Deus (ver Lucas 1:37).

O Elder Neal A. Maxwell disse o seguinte uma vez:

Agora falarei. . . para aqueles esbofeteados por falsa insegurança, que embora trabalhando dedicadamente no Reino, tem sentimentos recorrentes de fracasso. . .  
 . . . este sentimento de inadequação é... normal. Não há um jeito que a Igreja possa traçar honestamente até onde nós devemos ir e até o que devemos fazer sem criar um senso de imensa

distância. . . . . Este é um evangelho de grandes expectativas,  
mas a graça de Deus é suficiente para cada um de nós. [“Notwithstanding My Weakness,”]

Com o Elder Maxwell, eu testifico que a graça de Deus é suficiente. A graça de Jesus é suficiente. É o suficiente. Isto é tudo o que precisamos. Oh, jovens, não desistam. Continuem tentando. Não procurem fugas e desculpas. Busquem ao Senhor e Sua força perfeita. Não procurem alguém para culpar. Procurem alguém para ajuda-los. Busquem a Cristo e, ao fazer isso, vocês sentirão o poder capacitador e o auxílio divino que chamamos de Sua maravilhosa graça. Eu deixo este testemunho e todo o meu amor – pois verdadeiramente os amo. Amo a juventude desta igreja. Eu acredito em vocês. Eu estou torcendo por vocês. E eu não sou o único. Pais estão torcendo por vocês, líderes estão torcendo por vocês, e profetas estão torcendo por vocês. E Jesus está jogando com vocês. Eu digo estas coisas em nome de Jesus Cristo, amém.

(\*) foi necessária a tradução literal do hino para manter-se fiel ao contexto.

**ANEXO – Devocional *His grace is sufficient de Brad Wilcox (2011)***

## His Grace Is Sufficient

BRAD WILCOX *of the Sunday School General Board July 12, 2011 • Devotional*

I am grateful to be here with my wife, Debi, and my two youngest children—who are currently attending BYU—and several other family members who have come to be with us.

It is an honor to be invited to speak to you today. Several years ago, I received an invitation to speak at Women’s Conference. When I told my wife, she asked, “What have they asked you to speak on?”

I was so excited that I got my words mixed up and said, “They want me to speak about changing strengths into weaknesses.”

She thought for a minute and said, “Well, they’ve got the right man for the job!”

She’s correct about that. I could give a whale of a talk on that subject, but I think today I had better go back to the original topic and speak about changing weaknesses into strengths and about how the grace of Jesus Christ is sufficient (see Ether 12:27, D&C 17:8, 2 Corinthians 12:9)—sufficient to cover us, sufficient to transform us, and sufficient to help us as long as that transformation process takes.

### **CHRIST’S GRACE IS SUFFICIENT TO COVER US**

A BYU student once came to me and asked if we could talk. I said, “Of course. How can I help you?”

She said, “I just don’t get grace.”

I responded, “What is it that you don’t understand?”

She said, “I know I need to do my best and then Jesus does the rest, but I can’t even do my best.”

She then went on to tell me all the things she *should* be doing because she's a Mormon that she wasn't doing.

She continued, "I know that I have to do my part and then Jesus makes up the difference and fills the gap that stands between my part and perfection. But who fills the gap that stands between where I am now and my part?"

She then went on to tell me all the things that she *shouldn't* be doing because she's a Mormon, but she was doing them anyway.

Finally, I said, "Jesus doesn't make *up* the difference. Jesus makes *all* the difference. Grace is not about filling gaps. It is about filling us."

Seeing that she was still confused, I took a piece of paper and drew two dots—one at the top representing God and one at the bottom representing us. I then said, "Go ahead. Draw the line. How much is our part? How much is Christ's part?"

She went right to the center of the page and began to draw a line. Then, considering what we had been speaking about, she went to the bottom of the page and drew a line just above the bottom dot.

I said, "Wrong."

She said, "I knew it was higher. I should have just drawn it, because I knew it."

I said, "No. The truth is, there is no line. Jesus filled the whole space. He paid our debt in full. He didn't pay it all except for a few coins. He paid it all. It is finished."

She said, "Right! Like I don't have to do anything?"

"Oh no," I said, "you have plenty to do, but it is not to fill that gap. We will all be resurrected. We will all go back to God's presence. What is left to be determined by our obedience is what kind of body we plan on being resurrected with and how comfortable we plan to be in God's presence and how long we plan to stay there."

Christ asks us to show faith in Him, repent, make and keep covenants, receive the Holy Ghost, and endure to the end. By complying, we are not paying the demands of justice—not

even the smallest part. Instead, we are showing appreciation for what Jesus Christ did by using it to live a life like His. Justice requires immediate perfection or a punishment when we fall short. Because Jesus took that punishment, He can offer us the chance for ultimate perfection (see Matthew 5:48, 3 Nephi 12:48) and help us reach that goal. He can forgive what justice never could, and He can turn to us now with His own set of requirements (see 2 Nephi 2:7; 3 Nephi 9:20).

“So, what’s the difference?” the girl asked. “Whether our efforts are required by justice or by Jesus, they are still required.”

“True,” I said, “but they are required for a different purpose. Fulfilling Christ’s requirements is like paying a mortgage instead of rent or like making deposits in a savings account instead of paying off debt. You still have to hand it over every month, but it is for a totally different reason.”

### **CHRIST’S GRACE IS SUFFICIENT TO TRANSFORM US**

Christ’s arrangement with us is similar to a mom providing music lessons for her child. Mom pays the piano teacher. How many know what I am talking about? Because Mom pays the debt in full, she can turn to her child and ask for something. What is it? Practice! Does the child’s practice pay the piano teacher? No. Does the child’s practice repay Mom for paying the piano teacher? No. Practicing is how the child shows appreciation for Mom’s incredible gift. It is how he takes advantage of the amazing opportunity Mom is giving him to live his life at a higher level. Mom’s joy is found not in getting repaid but in seeing her gift used—seeing her child improve. And so she continues to call for practice, practice, practice.

If the child sees Mom’s requirement of practice as being too overbearing (“Gosh, Mom, why do I need to practice? None of the other kids have to practice! I’m just going to be a professional baseball player anyway!”), perhaps it is because he doesn’t yet see with mom’s eyes. He doesn’t see how much better his life could be if he would choose to live on a higher plane.

In the same way, because Jesus has paid justice, He can now turn to us and say, “Follow me” (Matthew 4:19), “Keep my commandments” (John 14:15). If we see His requirements as being way too much to ask (“Gosh! None of the other Christians have to pay tithing! None of the other Christians have to go on missions, serve in callings, and do temple work!”), maybe

it is because we do not yet see through Christ's eyes. We have not yet comprehended what He is trying to make of us.

Elder Bruce C. Hafen has written, “The great Mediator asks for our repentance *not* because we must ‘repay’ him in exchange for his paying our debt to justice, but because repentance initiates a developmental process that, with the Savior’s help, leads us along the path to a saintly character” (*The Broken Heart* [Salt Lake City: Deseret Book, 1989], 149; emphasis in original).

Elder Dallin H. Oaks has said, referring to President Spencer W. Kimball’s explanation, “The repenting sinner must suffer for his sins, but this suffering has a different purpose than punishment or payment. Its purpose is *change*” (*The Lord’s Way* [Salt Lake City: Deseret Book, 1991], 223; emphasis in original). Let’s put that in terms of our analogy: The child must practice the piano, but this practice has a different purpose than punishment or payment. Its purpose is change.

I have born-again Christian friends who say to me, “You Mormons are trying to *earn* your way to heaven.”

I say, “No, we are not earning heaven. We are *learning* heaven. We are preparing for it (see D&C 78:7). We are practicing for it.”

They ask me, “Have you been saved by grace?”

I answer, “Yes. Absolutely, totally, completely, thankfully—yes!”

Then I ask them a question that perhaps they have not fully considered: “Have you been *changed* by grace?” They are so excited about being saved that maybe they are not thinking enough about what comes next. They are so happy the debt is paid that they may not have considered why the debt existed in the first place. Latter-day Saints know not only what Jesus has saved us from but also what He has saved us for. As my friend Brett Sanders puts it, “A life impacted by grace eventually begins to look like Christ’s life.” As my friend Omar Canals puts it, “While many Christians view Christ’s suffering as only a huge favor He did for us, Latter-day Saints also recognize it as a huge investment He made in us.” As Moroni puts it, grace isn’t just about being saved. It is also about becoming like the Savior (see Moroni 7:48).

The miracle of the Atonement is not just that we can live after we die but that we can live more abundantly (see John 10:10). The miracle of the Atonement is not just that we can be cleansed and consoled but that we can be transformed (see Romans 8). Scriptures make it clear that no unclean thing can dwell with God (see Alma 40:26), but, brothers and sisters, no unchanged thing will even want to.

I know a young man who just got out of prison—again. Each time two roads diverge in a yellow wood, he takes the wrong one—every time. When he was a teenager dealing with every bad habit a teenage boy can have, I said to his father, “We need to get him to EFY.” I have worked with that program since 1985. I know the good it can do.

His dad said, “I can’t afford that.”

I said, “I can’t afford it either, but you put some in, and I’ll put some in, and then we’ll go to my mom, because she is a real softy.”

We finally got the kid to EFY, but how long do you think he lasted? Not even a day. By the end of the first day he called his mother and said, “Get me out of here!” Heaven will not be heaven for those who have not chosen to be heavenly.

In the past I had a picture in my mind of what the final judgment would be like, and it went something like this: Jesus standing there with a clipboard and Brad standing on the other side of the room nervously looking at Jesus.

Jesus checks His clipboard and says, “Oh, shoot, Brad. You missed it by two points.”

Brad begs Jesus, “Please, check the essay question one more time! There have to be two points you can squeeze out of that essay.” That’s how I always saw it.

But the older I get, and the more I understand this wonderful *plan of redemption*, the more I realize that in the final judgment it will *not* be the unrepentant sinner begging Jesus, “Let me stay.” No, he will probably be saying, “Get me out of here!” Knowing Christ’s character, I believe that if anyone is going to be begging on that occasion, it would probably be Jesus begging the unrepentant sinner, “Please, choose to stay. Please, use my Atonement—not just to be cleansed but to be changed so that you *want* to stay.”

The miracle of the Atonement is not just that we can go home but that—miraculously—we can feel at home there. If Christ did not require faith and repentance, then there would be no desire to change. Think of your friends and family members who have chosen to live without faith and without repentance. They don't want to change. They are not trying to abandon sin and become comfortable with God. Rather, they are trying to abandon God and become comfortable with sin. If Jesus did not require covenants and bestow the gift of the Holy Ghost, then there would be no way to change. We would be left forever with only willpower, with no access to His power. If Jesus did not require endurance to the end, then there would be no internalization of those changes over time. They would forever be surface and cosmetic rather than sinking inside us and becoming part of us—part of who we are. Put simply, if Jesus didn't require practice, then we would never become pianists.

### **CHRIST'S GRACE IS SUFFICIENT TO HELP US**

“But Brother Wilcox, don't you realize how hard it is to practice? I'm just not very good at the piano. I hit a lot of wrong notes. It takes me forever to get it right.” Now wait. Isn't that all part of the learning process? When a young pianist hits a wrong note, we don't say he is not worthy to keep practicing. We don't expect him to be flawless. We just expect him to keep trying. Perfection may be his ultimate goal, but for now we can be content with progress in the right direction. Why is this perspective so easy to see in the context of learning piano but so hard to see in the context of learning heaven?

Too many are giving up on the Church because they are tired of constantly feeling like they are falling short. They have tried in the past, but they always feel like they are just not good enough. They don't understand grace.

There are young women who know they are daughters of a Heavenly Father who loves them, and they love Him. Then they graduate from high school, and the values they memorized are put to the test. They slip up. They let things go too far, and suddenly they think it is all over. These young women don't understand grace.

There are young men who grow up their whole lives singing, “I hope they call me on a mission,” and then they do actually grow a foot or two and flake out completely. They get their Eagles, graduate from high school, and go away to college. Then suddenly these young men find out how easy it is to *not* be trustworthy, loyal, helpful, friendly, courteous, kind,

obedient, cheerful, thrifty, brave, clean, or reverent. They mess up. They say, “I’ll never do it again,” and then they do it. They say, “I’ll never do it again,” and then they do it. They say, “This is stupid. I will never do it again.” And then they do it. The guilt is almost unbearable. They don’t dare talk to a bishop. Instead, they hide. They say, “I can’t do this Mormon thing. I’ve tried, and the expectations are just way too high.” So, they quit. These young men don’t understand grace.

I know returned missionaries who come home and slip back into bad habits they thought were over. They break promises made before God, angels, and witnesses, and they are convinced there is no hope for them now. They say, “Well, I’ve blown it. There is no use in even trying any more.” Seriously? These young people have spent entire missions teaching people about Jesus Christ and His Atonement, and now they think there is no hope for them? These returned missionaries don’t understand grace.

I know young married couples who find out after the sealing ceremony is over that marriage requires adjustments. The pressures of life mount, and stress starts taking its toll financially, spiritually, and even sexually. Mistakes are made. Walls go up. And pretty soon these husbands and wives are talking with divorce lawyers rather than talking with each other. These couples don’t understand grace.

In all of these cases there should never be just two options: perfection or giving up. When learning the piano, are the only options performing at Carnegie Hall or quitting? No. Growth and development take time. Learning takes time. When we understand grace, we understand that God is long-suffering, that change is a process, and that repentance is a pattern in our lives. When we understand grace, we understand that the blessings of Christ’s Atonement are continuous and His strength is perfect in our weakness (see 2 Corinthians 12:9). When we understand grace, we can, as it says in the Doctrine and Covenants, “continue in patience until [we] are perfected” (D&C 67:13).

One young man wrote me the following e-mail: “I know God has all power, and I know He will help me if I’m worthy, but I’m just never worthy enough to ask for His help. I want Christ’s grace, but I always find myself stuck in the same self-defeating and impossible position: no work, no grace.”

I wrote him back and testified with all my heart that Christ is not waiting at the finish line once we have done “all we can do” (2 Nephi 25:23). He is with us every step of the way.

Elder Bruce C. Hafen has written, “The Savior’s gift of grace to us is not necessarily limited in time to ‘after’ all we can do. We may receive his grace before, during and after the time when we expend our own efforts” (*The Broken Heart* [Salt Lake City: Deseret Book, 1989], 155). So grace is not a booster engine that kicks in once our fuel supply is exhausted. Rather, it is our constant energy source. It is not the light at the end of the tunnel but the light that moves us through the tunnel. Grace is not achieved somewhere down the road. It is received right here and right now. It is not a finishing touch; it is the Finisher’s touch (see Hebrews 12:2).

In twelve days we celebrate Pioneer Day. The first company of Saints entered the Salt Lake Valley on July 24, 1847. Their journey was difficult and challenging; still, they sang:

*Come, come, ye Saints, no toil nor labor fear;*

*But with joy wend your way.*

*Though hard to you this journey may appear,*

*Grace shall be as your day.*

[“Come, Come, Ye Saints,” *Hymns*, 2002, no. 30]

“Grace shall be as your day”—what an interesting phrase. We have all sung it hundreds of times, but have we stopped to consider what it means? “Grace shall be as your day”: grace shall be like a day. As dark as night may become, we can always count on the sun coming up. As dark as our trials, sins, and mistakes may appear, we can always have confidence in the grace of Jesus Christ. Do we earn a sunrise? No. Do we have to be worthy of a chance to begin again? No. We just have to accept these blessings and take advantage of them. As sure as each brand-new day, grace—the enabling power of Jesus Christ—is constant. Faithful pioneers knew they were not alone. The task ahead of them was never as great as the power behind them.

## **CONCLUSION**

The grace of Christ is sufficient—sufficient to cover our debt, sufficient to transform us, and sufficient to help us as long as that transformation process takes. The Book of Mormon teaches us to rely solely on “the merits, and mercy, and grace of the Holy Messiah” (2 Nephi

2:8). As we do, we do not discover—as some Christians believe—that Christ requires nothing of us. Rather, we discover the reason He requires so much and the strength to do all He asks (see Philippians 4:13). Grace is not the absence of God’s high expectations. Grace is the presence of God’s power (see Luke 1:37).

Elder Neal A. Maxwell once said the following:

*Now may I speak . . . to those buffeted by false insecurity, who, though laboring devotedly in the Kingdom, have recurring feelings of falling forever short. . . .*

*. . . This feeling of inadequacy is . . . normal. There is no way the Church can honestly describe where we must yet go and what we must yet do without creating a sense of immense distance. . . .*

*. . . This is a gospel of grand expectations, but God’s grace is sufficient for each of us. [CR, October 1976, 14, 16; “Notwithstanding My Weakness,” Ensign, November 1976, 12, 14]*

With Elder Maxwell, I testify that God’s grace is sufficient. Jesus’ grace is sufficient. It is enough. It is all we need. Oh, young people, don’t quit. Keep trying. Don’t look for escapes and excuses. Look for the Lord and His perfect strength. Don’t search for someone to blame. Search for someone to help you. Seek Christ, and, as you do, I promise you will feel the enabling power we call His amazing grace. I leave this testimony and all of my love—for I do love you. As God is my witness, I love the youth of this church. I believe in you. I’m pulling for you. And I’m not the only one. Parents are pulling for you, leaders are pulling for you, and prophets are pulling for you. And Jesus is pulling *with* you. I say this in the name of Jesus Christ, amen.